

VIA SÃO PAULO

TÃO GOMES PINTO

Históricos querem impor Richa

Nos próximos dias, uma comissão de pemedebistas ilustres, dos que se auto-intitulam "históricos", deve formalizar junto ao presidente do partido, doutor Ulysses Guimarães, mais do que um pleito, quase uma imposição, para que José Richa venha a ocupar a terceira vice-presidência do PMDB.

Dessa comissão informal fazem parte, entre outros, Fernando Henrique Cardoso, Pimenta da Veiga, Fernando Lyra, Euclides Scalco. Um grupo de elite. A incursão programada adquire assim os contornos de uma ação militar tipo "comando".

Ulysses já espera pela visita do "comando." Naturalmente vai responder que para a terceira vice-presidência, atualmente vaga, existe um postulante pré-qualificado, o deputado maranhense Cid Carvalho. O "comando" então vai tentar extrair de Ulysses alguma manifestação de simpatia ou preferência pela indicação de Richa. Não conseguindo, comunicará a seus pares que já existem condições para ser deflagrado o movimento de criação da nova sigla que abrigará os atuais "históricos", uma vez que Ulysses Guimarães está definitivamente surdo para com as manifestações de descontentamento que se acumulam no partido.

A idéia é exatamente transformar uma questão menor num assunto de importância vital para o futuro do partido.

Pelo menos essa é a estratégia do grupo e a expectativa do ex-governador Franco Montoro, um dos inspiradores da "Operação Richa".

Segunda-feira passada



Montoro esteve no programa "Roda Viva", da TV-Cultura de São Paulo. Trata-se de uma entrevista tipo coletiva. Seis ou sete jornalistas fazendo perguntas, muitas vezes ao mesmo tempo.

Não é um interrogatório fácil de se enfrentar. Um dos pratos cheios para jornalistas que fazem questão de parecer brilhantes, irônicos e ao mesmo tempo rigorosamente inquisitivos, tem sido as vacilações dos grandes nomes do PMDB que estiveram na campanha pelas diretas, depois na campanha de Tancredo e chegaram ao poder de maneira meio desajeitada, mostrando muito dificuldade em transpor o espaço que separa a oposição do governo.

Ainda recentemente, nesse programa "Roda Viva", o próprio José Richa decidiu expor suas desilusões e seu pessimismo, deixando claro que o sonho pemedebista fora para o brejo, e os entrevistadores literalmente massacraram o senador.

A todo momento lembravam a Richa que ele era, pelo menos, um co-responsável por tudo

aquilo que criticava. Richa embaralhou-se completamente no seu próprio ceticismo.

Montoro, ao contrário, compareceu ao programa tão veemente e tão entusiasmado — fez discursos inflamados sobre a dívida externa e sobre as vantagens do parlamentarismo — que um dos jornalista presentes confessa que teve ímpetos de abatê-lo a tiros para que pudesse ao menos formular uma pergunta.

Foi nesse programa, na segunda-feira, que Montoro admitiu, pela primeira vez, em público, abandonar a sigla onde milita há 23 anos.

O ex-governador paulista está quase convencido de que se trata de uma inevitabilidade. Dentro do princípio de que se tiver que acontecer é melhor que aconteça logo, é que o episódio Richa pode se transformar num momento de definição para o PMDB, se bem que o partido e especialmente o presidente Ulysses Guimarães tem sido de uma habilidade extraordinária para contornar ao longo da história pemedebista esses momentos que parecem definitivos e fatais.

O senador José Richa, na iminência de ser conduzido ao centro do tabuleiro, como peça decisiva do jogo continua a arrastar pela Constituinte o manto de pessimismo e descrença.

Indagado sobre sua candidatura à vice-presidência do partido, na próxima reunião do diretório, Richa desconversa e continua na sua linha de lamentações e profecias apocalípticas.

Ceticismo absoluto? Nada disso. Apenas uma lâtica dissimulatória.